

1 À guisa de introdução

Meu nome é Camila e tenho quatro livros publicados. E, por causa disso, escrevo a palavra *escritora* quando preencho formulários. Eu vendi alguns livros, mais de 15.000 exemplares. Quando meu primeiro livro foi publicado, eu tinha 21 anos e estava na faculdade. Graduação em Letras, habilitação em Produção Textual. Logo depois que publiquei meu primeiro livro, comecei a receber cartinhas e e-mails de leitoras de todo o Brasil. Todas elas diziam que eu conseguia entender exatamente o que cada uma sentia. Fiquei sem entender. Passaram-se três meses e meu livro contagiava muitas leitoras. Para meu espanto, o editor me deu uma passagem de avião para encontrá-lo em uma reunião. Ele queria um segundo livro. Lá, em Belo Horizonte, eu aceitei a proposta sem saber o que escreveria, mas disse logo: “É claro que escrevo”. Ele disse: preciso do livro em dois meses. Novamente aceitei. Quando eu finalmente consegui comprar uma passagem de avião para o exterior com o pagamento dos direitos autorais, eu pensei: É, devo ser escritora mesmo.

...

Não lembro de uma descoberta do tipo “quero ser escritora”.

Nunca pensei nisso.

Mas lembro perfeitamente da estante de livros que meu pai tem em sua casa.

Eu era absolutamente fascinada por aqueles livros. Eu tinha uma prateleira no meu quarto com livros de criança, mas todos tinham cara de criança. Os livros do meu pai guardavam segredos ocultos. Eu mal podia esperar para crescer e ler todos eles. Eu até tentava ler algumas frases, mas não compreendia nada. Enquanto eu não podia ler aqueles livros eu os ordenava. Estava sempre fazendo a arrumação dos livros. Formava grupos, tirava da estante, colocava na estante. Pegava uma cadeira para que minha mão alcançasse até os livros que ficavam na última prateleira. Aqueles eram meus favoritos. Eram de capa preta e dura. Parecia livro de magia. Muitos desenhos que assistia na TV e no cinema mostravam bruxas e feiticeiras lendo receitas de poções mágicas de grandes livros. A bruxa do desenho de “*A Branca de Neve e os Sete Anões*”, da Walt

Disney, passava o dedo, com suas compridas unhas pintadas de vermelho, por cada palavra ilegível de um grande livro. Queria viver aquela sensação. Por isso, os grandes livros de capa preta que ficavam na última prateleira me atraíam. Eu os retirava da prateleira e fingia ler algum segredo, alguma revelação, imitava a bruxa da Branca de Neve. Mais tarde, descobri que aqueles livros eram, na verdade, uma coleção antiga de enciclopédia. Mas nunca os deixei de admirar. Um dia fiz birra. Descobri na casa dos amigos dos meus pais uma coleção de livros de capa dura marrom chamada *O Mundo da Criança*. Queria a coleção inteira no meu quarto. Meus pais procuraram em todas as livrarias, mas foi em um sebo do Rio de Janeiro que meu avô encontrou e me deu de presente. Em uma caixa de papelão. Foi a glória. Suas páginas não eram tão interessantes, as letras não me pareciam tão atraentes, mas pelo menos tinham capa dura e lembravam livros de feiticeiras.

...

Lembro da primeira vez que li um livro que parecia de adulto. O livro se chama Angélica. Eu gostei da cara dele; Apesar da capa colorida, não tinha desenho bobo para criança. Parecia esquisito, possuía letras pequeninas, tinha tanta coisa escrita. Minha mãe jurou que aquilo era livro para criança, disse que eu ia entender. E li. Foi estranhíssimo. Não me lembro da história, mas sei que existiam uns animais que falavam umas coisas doidas. Rabisquei o livro com caneta e, até hoje, quando visito minha mãe, pergunto por que o rabisquei. Minha mãe diz que eu rabiscava tudo.

Já na escola, eu lia com muita alegria uma coleção de livros que contava a história de um grupo de meninos que fazia aventuras em sítios, grutas e cachoeiras. Eu amava esses livros, mas não lembro o nome do autor e nem os títulos. Havia sempre um menino rebelde disposto a levar a turma de amigos para uma grande aventura, um cachorrinho esperto os acompanhava.

Depois, lembro de um livro que falava do amor entre uma menina da cidade e um menino roceiro da fazenda. Eu fiquei apaixonada por aquela história.

Eu fui crescendo e a estante do meu pai foi se revelando. Havia livros sobre cinema, sobre psicologia e outros de coisas que não sabia. Continuava a organizá-los e, dessa vez, já folheando com olhar de quem já sabe ler um pouco mais. Foi aí

que comecei a ler *O mundo de Sofia*. Li um terço do livro porque era muito grande, mas cisme de colocar bilhetes na mochila de um amigo da escola. No bilhete estaria escrito “quem é você?”. Nunca escrevi, só imaginei.

A biblioteca da escola também me fascinava. Adorava aquele silêncio. Era puro mistério. Escolhia o livro pelo jeito e cara. Acabei lendo todos os diários escrito por adolescentes. Fiquei muito frustrada quando soube que quem escrevia aqueles livros era um casal de médicos.

Lembro que peguei emprestado *Perto do coração selvagem* porque tinha um título muito interessante. Escolhi também um chamado *Lavoura Arcaica* porque tinha alguma coisa nele que me agradava. Não li nada. Achei muito complicado.

Li metade de *Almas mortas* e achei bem curioso e engraçado.

O primeiro livro que li inteiro da estante do meu pai foi *A abadía de Northanger*, de Jane Austen. Como era bom chegar em casa e pular na cama para ler!

Foi livro atrás de livro. Emoção atrás de emoção.

Era péssima aluna na escola, mas quando tinha prova de livro eu ficava feliz. Meus amigos se desesperavam com resumos na mão. A maioria deles não tinha lido e por isso precisavam estudar os resumos. Era a única prova da escola que fazia com orgulho, eu tinha lido tudo e estava doida para responder às questões.

Quando a professora indicava algum livro, todos perguntavam quantas páginas tinha aquele livro. Dependendo da resposta, se o livro fosse grande, eles reclamavam. Eu nem pensava sobre número de páginas. Queria ler e pronto.

Um dia, meu avô me deu de presente *O apanhador no campo de centeio*. Eu não sabia que podia escrever daquele jeito. Cada palavra desaforada. Um menino que xinga tudo e todos. Eu amei.

Na casa da minha avó, descobri *Os senhores de Cashelmara*. Era um livro grosso e pesado, mas comecei a ler só de teste. De início, havia o depoimento de Edward, acho. Ela falava sobre sua vida em uma grande fazenda. Mas aquilo era só o começo. Depois vieram intrigas familiares, falência, crises, crimes. Nossa, foi um drama. Eu não conseguia parar de ler.

No primeiro ano do ensino médio, conheci uma professora que me oferecia livros, mas que também falava de mistérios escondidos atrás das histórias. Eu nem

sabia que atrás de cada palavra podia existir um mistério! Foi a primeira vez que ouvi a expressão “leitor ingênuo”.

Foi assim que descobri o jeito inseguro do Bentinho e a ambiguidade de Capitu. Meu *Dom Casmurro* era emprestado da biblioteca e tinha a capa verde e dura. Lembro quando li a última página do livro, meu coração estava meio desgovernado, eu estava chegando ao fim da história e o que ia descobrir? Foi um dos momentos mais emocionantes da minha vida. Eu estava de pé no segundo andar da casa. Tenho essa cena congelada em minha memória.

O cortiço também foi uma experiência instigante. Eu tinha pena daqueles personagens, mas mesmo assim queria morar com eles. Só um tempo. Só para saber como é um cortiço. *Vidas Secas* me deixou amarelada, sentia calor só de ler. Inspirada pelas aulas de literatura, eu tentava criar histórias pela primeira vez. Eu estava acostumada a escrever cartas e diários, mas as leituras acompanhadas pelos comentários da professora me faziam ter uma vontade absurda de escrever.

Eu queria brincar de esconder assim como os autores dos livros faziam. Minha primeira história fala de uma menina. Lembro que fiquei semanas construindo essa narrativa em minha cabeça. Essa menina tinha uma chave, mas ela não sabia a qual fechadura pertencia a chave. Ela passava os dias tentando abrir portas e, à noite, quando ia dormir, não queria correr o risco de ser roubada e guardava, escondia a chave entre suas coxas. Toda noite dormia com a chave sentindo um geladinho bom entre as pernas. Eu sei que soa patético revelar isso, mas o que gostaria de compartilhar é que, impulsionada pela literatura, eu quis escrever.

Como toda adolescente, eu gostava de escrever em primeira pessoa para “desabafar” sentimentos. Mas eu gostava de desabafar, inventar e escrever mais ainda quando lia.

Essa professora de Literatura e Língua Portuguesa também dava aula de Redação. Eu ficava com muita raiva porque, nos anos anteriores, os professores que deveriam ensinar Redação aproveitavam o tempo da Redação para ensinar Língua Portuguesa. Isso me chateava.

Mas essa professora levava a sério a aula de Redação e eu adorava ter uma aula exclusiva para redação. Só redação.

Na primeira aula, ela pediu para que a turma escrevesse um texto em terceira pessoa. O combinado era escrever em casa e, depois, ela escolheria

algumas redações para passar no retroprojeto. Assim a gente aprenderia com os defeitos e qualidades dos colegas. Entendi assim.

Escrevi a história de um homem que vai trabalhar. É só o que lembro.

Passada uma semana, a professora pediu para apagar a luz. Era hora de olhar para a parede, a primeira redação do ano seria exposta. Imediatamente reconheci as letras. Fiquei gelada. Queria sumir.

Que droga! Era a minha redação. A professora elogiou o estilo, eu escrevia e, ao mesmo tempo, escondia o que escrevia usando reticências. Era um texto bem escrito e muito criativo. No final de seu comentário, ela alertou sobre um trecho específico, eu tinha usado o travessão de forma errada. Não sei. Tinha cometido um erro que era motivo de muitos risos. Até hoje não sei que erro cometi, mas lembro da cara da Vívian rindo de mim com aqueles enormes aparelhos nos dentes.

Obviamente não foi nenhum trauma, eu era uma adolescente feliz e rebelde. Amava ler, mas odiava estudar. Repeti o primeiro ano do ensino médio em todas as matérias, menos em Literatura e Redação.

...

Nessa época meus pais me mandaram para uma escola pública e chegando lá foi uma surpresa imensa perceber que a biblioteca daquela escola tinha mais livros novos do que a biblioteca da escola particular. Fiquei muito entusiasmada e minha vontade de ler aqueles livros novos era tão grande que pegava emprestado vários livros ao mesmo tempo. Não conseguia ler um inteiro, parece que nessa época eu estava meio afobada.

Eu não culpo pais nem professores, mas a diversão era muito mais garantida lendo o diário de Bridget Jones, livro que descobri em algum lugar (não foi na biblioteca que encontrei esse livro). O livro trata de uma solteirona de trinta anos que sonha em encontrar o amor de uma forma meio caótica. Eu me sentia meio Bridget Jones, mesmo que eu tivesse dezesseis anos.

Apesar do desinteresse pelas matérias oferecidas em sala de aula eu ainda gostava de escrever. Não tinha mais aulas de redação, mas lembro que os alunos da Escola Estadual Basílio da Gama foram convidados a participar de um concurso de redação patrocinado pela UFOP.

Não dá nem para descrever a euforia que vivi com a possibilidade de ganhar um concurso de redação. O tema era bem óbvio: deveríamos escrever um redação sobre Basílio da Gama. Era bem óbvio também que eu não ia ler *O uraguai* de Basílio da Gama. Mesmo assim, por uma questão de coerência fui procurar o livro e folheando busquei cenário, personagens, algumas informações básicas para escrever a redação.

Hoje em dia, fico constringida de ler a redação. É perceptível que a autora tenta ao máximo demonstrar seu amor (manipulado) por Basílio da Gama, é perceptível que ela quer ganhar o concurso. Eu usei termos como “o sentimento do bom selvagem”. Um verdadeiro horror.

De fato eu ganhei o concurso. Primeiro lugar. E foi uma das maiores vitórias na minha vida escolar mesmo que em alguns momentos eu tenha, em silêncio, lamentado que só ganhei o concurso porque era a única leitora de livros daquela pequena escola pública.

...

Resolvi fazer vestibular para o curso de Letras. Só tentei em universidade particular porque, pela minha formação, (ensino médio em escola pública, terceiro ano concluído em supletivo) considerava impossível entrar em uma universidade pública. Passei em todos os vestibulares e vibrei muito, mesmo sabendo que sobrava vaga nos cursos. Em casa, ficaram todos felizes comigo. Primeira filha entrando na universidade.

Matriculei-me na PUC e me mudei para o Rio de Janeiro. Meus pais disseram que só pagariam seis meses de mensalidade, depois eu teria que dar um jeito.

Antes de o professor entrar na sala de aula, ouvi a conversa de alguns alunos e eles diziam, com empolgação, que tinham optado por Letras por causa da habilitação em Produção Textual. Eu nem sabia daquela especialização, mas achei perfeito. Eu gostava mesmo de escrever. Assim ficou decidido.

Minha opção pelo curso de Letras foi exclusivamente por causa da minha relação com a leitura. Eu amava escrever, mas nunca pensei que houvesse um curso para isso, nem era minha intenção. O que eu queria era prosseguir com as

leituras que vinha fazendo desde a minha infância. Eu queria, mais do que ser escritora, ser uma leitora profissional. Viver disso.

Preciso confessar agora: Eu fiquei mais animada por estar em uma universidade do que estar especificamente cursando Letras. Eu via os alunos percorrendo o campus e achava que todos eram mais felizes fazendo outros cursos. Meus amigos me diziam, inclusive, que estudávamos no prédio dos *losers* (perdedores) e que, portanto, éramos *losers*.

Eu não simpatizei com Gil Vicente, não simpatizei com outros que acompanhavam Gil Vicente. As várias versões de Pasárgada me entediavam.

Aliás, tudo que acompanhava a palavra *Portugal* e *Barroco* me irritava. Eu tinha alguns motivos. Passei minha infância em uma cidade turística do interior de Minas Gerais. Claro que vivia solta nas ruas e adorava isso, mas, à medida que fui crescendo, tudo que me cercava na cidade aspirava a *Barroco* e a *Portugal*. Na minha concepção, essas duas palavras se resumiam em uma única palavra: velharia. As igrejas, a arquitetura, os costumes herdados eram sempre contados e tudo vinha de escravos ou de portugueses. Eu entendia assim. Na minha limitada visão, portugueses e escravos estavam no mesmo saco, só que os primeiros eram exploradores e os segundos eram explorados. Os turistas apareciam para ver a calçada dos escravos, a Maria-Fumaça, o museu Padre Toledo, o chafariz... Eu tinha medo das igrejas e mais ainda dos padres que estavam enterrados ali sob o assoalho. Se me falavam de Portugal, eu logo lembrava de igrejas e padres. Aliás, quando li *O crime do Padre Amaro*, ainda na adolescência, fiquei mais desconfiada ainda, detestei o ambiente que o livro me apresentou, ficava enjoada e deprimida... Como um padre pode ser tão maldoso? A história se passava em Portugal.

Na verdade, eu queria ser americana, mas tinha vergonha de falar em sala de aula o que pensava.

Só mais tarde eu acertaria as contas com portugueses, índios e escravos. Todos meus antepassados. Mas, no momento em que entrei para a universidade, eu não aceitava com facilidade a ideia de que teria que estudar esse começo de Brasil.

Eu não tinha ideia do que poderia ser uma escrita urbana, mas assim que uma professora nos apresentou o livro *Eles eram muito cavalos*. Fiquei entusiasmada com a novidade. Era a turma de Formação do Leitor e meus colegas

de formação do escritor sentiam o mesmo entusiasmo pelas aulas por causa dos diários que escrevíamos. A cada aula, anotávamos impressões pessoais sobre o tema abordado. No final do mês, a professora recolhia os cadernos para avaliação. Fiquei empolgada com essa primeira oportunidade de ser escritora na universidade, em um curso para escritores. As anotações carinhosas da professora não sugeriram o surgimento de uma escritora, mas mesmo assim me acolheram e me incentivaram a continuar observando e anotando.

A escrita urbana com vozes contaminadas pelo espaço da cidade me contaminou. O asfalto, o luxo e a miséria, milhares de desconhecidos se cruzando pelas ruas, quantas histórias escondidas transbordavam daquelas pessoas que compartilhavam o mesmo espaço! *Eles eram muito cavalos* me abriu caminhos. As vozes dispersas dos personagens, a doença, a miséria daquelas vozes. Era mais do que uma descoberta narrativa, era a descoberta de uma realidade que eu presenciava ao andar de ônibus. O sufoco daquele livro me fazia observar a vida na cidade grande com olhos mais atentos e mais tristes.

O vôo da madrugada, de Sergio Sant’Anna, também me pegou com espanto. Um mal-estar tomava conta de mim, parecia que estávamos todos muito doentes na cidade. Isso me incomodava, mas me atraía.

Logo no primeiro período, a mesma professora que nos apresentou o livro de Rufatto, nos apresentou ideias que iriam para sempre mudar minhas perspectivas. Assistimos a um documentário que mostrava relatos de pessoas sobre um mesmo evento acontecido. Cada testemunha tinha uma versão peculiar e particular, as narrações construía a mesma tragédia de formas diferentes. Pela primeira vez, percebi que a memória observava a vida pela mesma janela da ficção. A professora disse algo mais ou menos assim:

— Todos sabemos o que aconteceu no dia 11 de setembro de 2001. A História registra um acontecimento único. Mas, se perguntarmos para pessoas diferentes sobre o que foi o dia 11 de setembro ouviremos de cada uma delas relatos diferentes. Alguns sobreviveram mesmo estando nos prédios que depois desabaram, outros assistiram pela televisão, fomos todos testemunhas de alguma forma. Todos nos relacionamos e narramos esse episódio histórico de um jeito único e muito particular, a memória se torna...

Não lembro como se seguiu, mas prosseguimos com os estudos e acabamos chegando à questão: *Será toda memória fictícia?*

Em casa, eu começava a praticar a escrita e, pela primeira vez, experimentando o exercício de dialogar com o que apreendia e observava, fora e dentro da universidade. Eu queria investigar a cidade e a memória. Como eu construía meus dias? Eu podia confiar na minha memória? O que aconteceu em meu passado foi real, eu juro, mas como inventei e construí essa realidade? Será que inventei?

Exercitava criando personagens que diziam uma coisa, mas pensavam em outra, criava pensamentos de homens que estavam presos no engarrafamento. Também exercitava minha solidão, já que me sentia completamente perdida quanto ao meu rumo na faculdade. Escrevia.

Detestava a maioria das aulas, precisava ler muitos pedaços de textos xerocados, tinha dificuldade de assimilá-los e nossa primeira aula de produção de textos na universidade era uma oficina para a escrita de redações argumentativas. Lemos *A arte de argumentar* e praticávamos a construção coerente e linear.

...

A descoberta da Vila dos Diretórios, casas que abrigam os centros acadêmicos da universidade, me ofereceu um universo que eu não encontrava nas salas de aulas. Alunos de História, Ciências Sociais, Comunicação, Filosofia, entre tantos outros cursos dividiam o mesmo espaço com um único objetivo: fugir da monotonia. Eu entendia assim. Os alunos se reuniam para dialogar os direitos dos estudantes, eles queriam apoiar causas sociais e humanitárias, queriam fazer revolução na universidade, na cidade e no mundo. Alguns movimentos foram concretizados como a invasão dos alunos na sala da Vice Reitoria. Os alunos queriam retomar o direito à chopadas vetadas pela Universidade. Eu não concordava com a invasão, sentia um pouco de pena daquele senhor, que na verdade era o reitor, mas a emoção de estar sentada com dezenas de colegas na sala que o reitor toma decisões era emocionante demais.

Semanalmente, o pessoal organizava eventos musicais, tudo era motivo para uma boa festa com cerveja. Quando ficaram sabendo que eu fazia Formação do Escritor fui intitulada logo como escritora, mesmo que nunca ninguém tivesse lido meus textos. O pessoal da vila era generoso. Daí começaram a surgir convites que exigiram meus primeiros compromissos como escritora. Alunos de comunicação

tinham fotografias, então me chamavam para escrever poemas ou minicontos que dialogavam com as fotografias. Convidei amigos do curso de Formação de Escritor e todos toparam escrever poemas que foram exibidos em um pequeno evento que foi chamado “Poema fotografado”. Escrevi com uma amiga, que também fazia Formação do Escritor, uma pequena cena de teatro que representamos na casa de Comunicação Social. Participei do varal de poesia com poesia de alunos de outros cursos. E, quanto mais a Vila me convidava a escrever e participar, mais eu abandonava as salas de aulas.

Algum tempo depois, um amigo me convidou para ajudá-lo na organização de um jornal literário. Ele queria espaço para nossos textos, queria fazer circular nossa voz. Tinha que ser algo impresso. Foi assim que pediu textos para os amigos mais próximos do curso e, em pouco tempo, saía a primeira edição do jornal *Plástico Bolha*. Meu primeiro conto escrito se chama 81 segundos.

Fizemos o lançamento do jornal na Vila dos Diretórios e muitos alunos de Letras estavam ali, e diferente do meu comportamento em sala de aula, ali naquele espaço eu tinha entusiasmo, projetos, ideias, tinha o que dizer. Estávamos sempre inventando eventos que no futuro até se expandiram para fora da Universidade. Eu escrevia em casa, muitas vezes lamentos, pensamentos dispersos, tentativas de contos e inícios de romances, mas se não houvesse uma cobrança externa era difícil concluir meus textos.

Muitos colegas se interessavam pelos temas abordados em sala de aula, talvez eu fosse muito arrogante (era, na verdade, muito insegura) e pouco esperta, não compreendia as teorias e não sabia expressar minha opinião sobre elas. Meus trabalhos eram precários, percebia pelas notas. Dificuldade clara para a escrita de redação. Erros berrantes de gramática. Não escrevia nada coerente, os professores me explicavam.

Eu perdi o interesse pela literatura, aquela ideia romântica do passado, minha paixão pelos livros tinha desmoronado. Entrei na faculdade de Letras e deixei de ler. Eu era uma adolescente que devorava livros, mas estava me tornando uma estudante de Letras que tinha perdido o interesse pela literatura.

Não conseguia prestar atenção nas aulas. E achava Oswald de Andrade chato. A gente aprende que não se pode dizer que é chato, na universidade alguns adjetivos precisam ser substituídos por argumentações coerentes e inteligentes. Eu precisava atravessar esse portal em que as avaliações sobre determinados textos

percorresse minha capacidade de observação crítica para a escrita. Substituir chato por explicações explanadas de comparações entre isso e aquilo. Mas eu empacava no chato. Chato à beça. Emburreci! Meus amigos começaram a se inturmar com os professores, a ter ideias de projetos interessantes sobre literatura, muitos deles já eram pesquisadores do CNPq.

Comecei a desconfiar que tivesse algum problema. Eu não gostava de Serafim Ponte Grande e nem de Macunaíma, nem do Manifesto Pau Brasil. Li todos de qualquer jeito. Da mesma forma que tinha implicância com portugueses e africanos, adquirei irritação com índios e histórias que falavam de alguma coisa tipicamente brasileira.

...

Eu não conseguia me entrosar com o conteúdo oferecido nas aulas, mas, longe dos corredores da universidade, as pessoas sabiam da minha formação. Eu fazia Formação do Escritor, portanto, era uma escritora. E, por isso, me chamavam para escrever. Escrevi contos, poesia, artigos para revistas e também fiz muitas entrevistas com artistas.

Um amigo do meu pai queria escrever uma biografia sobre a vida dele e me convidou para fazer o trabalho. Aceitei a missão e ele me passou uma lista de pessoas que conheceu no decorrer de sua vida.

Eu ia à sua casa semanalmente para ouvir histórias, entrevistei também Rosy Marie Muraro e o diretor de televisão Marcos Paulo no PROJAC. As excursões pela cidade em busca de pistas sobre o amigo do meu pai, mais as observações que escapavam do contexto da entrevista ganhavam força. A vontade de criar em cima das situações, a vontade de escrever o que não tinha sido dito pelo entrevistado, apenas captado por invenção, era mais forte.

Depois do esquete de teatro apresentada na Vila dos Diretórios, decidimos formar um grupo de teatro na PUC. Eu tinha desistido do curso profissionalizante de atores que fazia em Laranjeiras.

O Padre liberou o salão da Pastoral e convidei um ator do grupo de teatro do morro do Vidigal *Nós do Morro* para oferecer aulas semanalmente na PUC que começaram a acontecer no salão da Pastoral da PUC. Depois que eu tinha lido *Cabeça de Porco*, coleí em uma amiga que fazia filmes no Vidigal. Tantas

excursões foram feitas no morro que, junto com alguns membros do Nós do Morro, começamos a criar projetos mirabolantes. Chegamos a apresentar pequenas esquetes em um evento organizado pela Pastoral. O tema da esquete não era religioso, mas o padre responsável adorava agitação de aluno e apoiava toda nossa loucura.

Por causa do teatro, acabei sendo convidada para uma entrevista para a Revista Pilotis que representa alunos mais focados em festas, surf e outras coisas *iradas*. O editor me mandou a entrevista por e-mail e devo ter escrito mais do que devia.

O fato é que o editor me convidou para participar da equipe de redação da revista e foi assim que comecei a ser uma espécie de âncora na Vila dos Diretórios, tudo que acontecia por lá virava notícia na Revista Pilotis. Ele começou a pedir para fazer entrevistas com bandas. No começo entrevistava as bandas sugeridas pelo editor, depois comecei a sugerir bandas de amigos que faziam Letras. Entrevistei até um escritor (matéria rara na revista) Lucas Viriato, que tinha acabado de lançar seu livro.

Nós, que éramos da cultura de Letras, não imaginávamos ver nossos nomes e rostos estampados na Revista Pilotis, mas era muito divertido. A Pilotis circulava fora do meio literário, era uma revista que tinha presença em toda a universidade, principalmente na área do prédio Kennedy, onde estavam os alunos que não fazíamos grandes amizades.

Acabei abandonando o teatro e a Revista Pilotis. Por muita dispersão, sempre foi difícil dar longa continuidade às atividades que eu começava, não entendo até hoje porque não abandonei o curso de Letras. Alguns episódios me incendiavam e diziam que, de alguma forma, eu ainda deveria permanecer naquele espaço (geralmente não eram grandes relexões, eram meus pais que diziam para ter calma, a vida é assim e desistir é pior).

...

Um diretor da Rede Globo que tinha acabado de ser contratado pela Record procurava novos autores para escrever um projeto pessoal que ele iria apresentar na nova emissora.

Alexandre Avancini descobriu o Curso de Formação de Escritor da PUC-Rio e pediu para a coordenadora do curso indicar possíveis novos talentos para dramaturgia. A orientadora indicou alguns alunos, mas ele não se interessou por aqueles textos e pediu para a orientadora enviar um chamado para todos os alunos. Enviei alguns textos e fui chamada junto com dois amigos, Lucas e Paula para uma entrevista com o diretor.

Ele disse que nossos textos tinham muito frescor e originalidade, mas precisávamos de técnica.

O projeto que pretendia apresentar para a Record se chamava *Revoluções*. Seria uma série que abordaria o período da Ditadura Militar, mas partindo principalmente do ponto de vista dos jovens. Ele queria intrigas, romance, paixão, dúvidas sobre sexualidade e todas as questões adolescentes, mas que fugisse de uma leitura óbvia e “careta” (palavras do diretor). Dizia-nos com frequência que precisávamos sair da caretice que tinha sido a telenovela *Anos Rebeldes*.

Nos primeiros encontros, ele quase sempre dedicava seu tempo perguntando sobre nossas vidas pessoais. Achamos tudo aquilo muito esquisito, mas depois ele disse que buscava justamente aquilo para o roteiro, buscava uma visão fresca e atualizada, tínhamos histórias e criatividade, nenhum roteirista poderia ter aquele discurso, apenas nós.

Ele me emprestou uma série americana chamada *The O.C.*, um verdadeiro sucesso americano que conta a história de um garoto pobre que foi adotado por uma família rica que vive em Orange County, Los Angeles. Meus amigos acabaram abandonando o trabalho. Pela primeira vez minha narrativa se destaca dos demais colegas. Um era conceitual demais, a outra narrativa demais. Continuei nos meses seguintes ouvindo e acatando o que Alexandre dizia. Ele era exigente, me jogava muitas informações e pedia para encontrar os apelos emocionais dos personagens que captaram fãs no mundo inteiro.

Dissequei aquela série em pontos objetivos, apertava *play* e *stop*, precisava reconhecer a jornada do herói naquela série de televisão. Estava tudo lá, todos os conceitos aristotélicos que meu professor de roteiro já tinha ensinado na universidade, mas que eu não tinha ainda aplicado praticamente.

Comecei a esboçar uma pequena sinopse baseada no que o diretor queria e em muitas observações que meu professor fizera. Tudo fazia muito sentido:

—Personagem “estrangeiro” lançado no mundo desconhecido;

— Profundidade de personalidade apenas no herói, os outros personagens carregam, no máximo, três características que o definem e que facilitam identificação com o público. Exemplo: o rapaz engraçado que só sabe fazer piada, a menina fútil etc.

— Muito importante: início, meio e fim. Nada de narrativa fragmentada e confusa.

O trabalho seguiu por muitos meses, mas acabou indo para a gaveta. Muito tempo depois, quando meu editor pediu para escrever um livro para pré-adolescentes eu já tinha todo o esqueleto do livro pronto.

Muitos projetos foram engavetados ou abandonados durante meu curso na graduação, mas não abandonei o curso... não consigo entender porque não abandonei a faculdade quando percebi que não havia talento, paciência, paixão e atenção suficiente para desenvolver um bom desempenho acadêmico.

Acho que de uma forma oculta, não consigo explicar isso... mas toda vez que eu duvidava aparecia uma ponta de fagulha.

...

O Cânone Ocidental foi uma dessas aulas que me pegou em meio ao devaneio. Afastada dessa ideia de relações culturais ou nacionalistas desbravamos contos de James Joyce, Dostoievsky, Borges, Proust, Kafka, Beckett entre outros. Além disso, tive contato com diversas abordagens sobre a questão do que é literatura. Estudei um pouco de Harold Bloom, Pound, Eliot, Borges, Ítalo Calvino, Otávio Paz. Tive momentos de epifania. Era como conhecer um universo mágico, quase a mesma sensação que eu tive ao investigar a estante do meu pai. Foi a primeira vez que tirei nota máxima respondendo uma questão sobre um livro, *Os sofrimentos do jovem Werther*. Fica claro que era muito comum meus amigos receberem reconhecimento máximo pelos seus desempenhos nas provas, mas quando eu recebia uma nota máxima significava muito.

Foi tão importante receber aquele incentivo do professor que o recortei e coleí na minha agenda para lembrar que eu ainda sabia ler e escrever.

A minha necessidade de escrever sempre existiu, embora eu nunca me imaginasse como escritora. Imaginei-me escritora porque estava cursando Formação do Escritor. Em um primeiro momento gostava de escrever, precisava

expressar momentos de dor, a angústia, meu canal de expressão só se realiza plenamente pela escrita, assim eu escrevia cartas que nunca foram enviadas, contava minha vida em um diário, rabiscava frases soltas... Mas o prazer máximo que eu alcanço lendo certos livros me faz querer mais do que expressar dor e angústia, eu atravesso tempo e espaço. Eu consigo ficar tão animada por certos livros que muitas vezes custei a pegar no sono só pensando no livro.

Gostar de escrever, mas nunca amar. Escrever é uma tarefa sufocante. Às vezes, como diz a escritora Andréa del Fuego, eu queria escrever “de pronto”. Sentar e escrever o que está dentro.

Depois de terminar o curso O Cânone Ocidental, percebi que eu ainda tinha muito o que conhecer, eu precisava “tirar o atraso” em relação aos clássicos, em relação ao que foi ignorado nas salas de aula durante tanto tempo. A coordenadora do meu estágio, professora de literatura, que depois veio a ser minha orientadora no mestrado aconselhou com franqueza, era hora de crescer, enfrentar as salas de aula, aprender, claro, tirar boas notas.

...

Inspirada pela aula de O Cânone Ocidental decidi que queria conhecer mais autores estrangeiros e como o curso não oferecia matérias relacionadas, contratei um professor particular, Leonardo de Almeida, para me oferecer aulas de produção de contos baseados em clássicos universais. Nós lemos Hemingway, Henry James, Mark Twain, Stephen Crane, Robert Musil.

Nas aulas particulares, Leonardo apontava a genialidade de Crane ao fazer metáforas ricas, mesmo que as metáforas não me interessassem muito, houve um diálogo crucial, entre professor e aluna. Esse diálogo me abriu novas possibilidades para a escrita. Pouco a pouco comecei a relacionar autores, eu tinha o que pensar e o que dizer sobre o que estava lendo.

Reedescobri a vontade de ler.

...

Eu já tinha publicado meus dois primeiros livros que foram encomendados e atribuo o sucesso de vendas por causa desse desapego que tive na escrita. Na

primeira tentativa de escrita para meu primeiro livro encomendado, o editor me ligou e disse que não era exatamente “aquilo” que ele procurava, ele não mencionou com palavras muito claras o que queria, mas falou para escrever para uma menina de doze anos. Para facilitar o trabalho optei pelo *arroz com feijão*, distribuí o diário da personagem no esqueleto da jornada do herói, meu professor de roteiro e o diretor de televisão já tinham dito: não há erro na jornada aristotélica. *O mundo dá voltas para meninas que engolem sapos* saiu aos moldes de um roteiro para cinema. Abandonei minhas intenções como autora. Abri mão do que eu gostaria de escrever e publicar e investi minha escritura nessa oportunidade. Vesti a camisa de uma personagem banal, boba e, talvez por isso, muito carismática: Alice Ferrie. Para a construção da personagem, fui construindo imagens repletas de chicletes, blogs, chocolate, bichos de pelúcia, cheirinhos de morango ou uva, cores, e até o sobrenome da personagem foi adaptação de uma marca famosa de chocolate.

No segundo livro, *Socorro, sou menina e estou crescendo!*, segui o mesmo roteiro, mas influenciada por uma oficina sobre Literatura Infantil-Juvenil tentei adaptar alguns temas aprendidos em sala de aula. A professora nos apresentou não somente contos e histórias para crianças, mas também o percurso da literatura infantil desde seu surgimento na Europa como contos que inicialmente eram destinados para adultos até sua autonomia como narrativas próprias (ou estabelecidas como próprias) para o público infantil. Também produzi muitos resumos técnicos para o thesaurus da biblioteca da Cátedra UNESCO de Leitura o que me aproximou dessa literatura.

Meu terceiro livro, *No mundo da Lua*, foi uma expressão confusa de uma escritora que não sabia se deveria se corresponder com o que a academia me apresentava, com meus desejos profundos, ou com minhas leitoras já fãs declaradas de Alice Ferrie.

O livro não foi um grande sucesso como os outros, curioso é que recentemente o livro tem tido uma boa saída. Mas no geral, sua publicação representou uma mudança que minhas leitoras não acompanharam, era uma mudança por qual eu passava.

Eu começava a frequentar aulas com mais interesse. Os estudos sobre a relação tensa que eu tinha com Portugal foram apaziguados graças a uma professora que me permitiu explorar todo meu rancor em relação a Portugal. Na

oficina de texto ensaístico, outra professora incentivou a escrever sobre minhas dúvidas: afinal, quando comecei, de forma meio constrangida e tímida, a revelar pela escrita ensaística e inventiva algumas das minhas paranoias, meus professores começaram a olhar para mim com mais interesse.

Antes de publicar esses três livros, eu tinha um projeto de lançar contos que eu havia escrito na faculdade, mas os acontecimentos me levaram para outro caminho. Depois dessas encomendas não escrevi mais nenhum conto, escrever pequenos romances por encomenda me forçaram a ultrapassar limites nunca antes enfrentados. Eu seria incapaz de escrever um romance por conta própria, não tinha fôlego para ultrapassar dez páginas. Mas, a partir da publicação dos três livros, não conseguia mais imaginar histórias curtas.

Depois de longos e confusos cinco anos me formei e decidi enfrentar o Mestrado.

...

As dúvidas que me percorram durante a graduação voltaram a me perseguir durante o Mestrado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade. Dessa vez, eu queria escrever um romance que falasse da minha relação com a escrita, mas minha orientadora disse que em meu projeto não havia força nem fôlego. Eu queria continuar relatando minhas “paranoias”, mas agora não havia espaço para isso. Ela sugeriu uma pesquisa nos moldes acadêmicos, eu precisava enfrentar a pesquisa científica, ler, argumentar, justificar. A escrita criativa era uma escapatória para mim. Mas, frequentando as aulas, eu não conseguia formular um projeto viável.

A orientadora até sugeriu com delicadeza a possibilidade de abandonar o curso, quem sabe me afastando um pouco eu poderia amadurecer e organizar mais as ideias, assim eu voltaria para a academia mais preparada.

Essa sugestão foi recebida como um possível atestado de burrice. Estava confirmada a minha dificuldade, minhas monografias eram mal escritas. Eu lia os textos que os professores indicavam com certo empenho, mas não captava a essência. Dessa vez, diferentemente de quando entrei na graduação, eu estava me empenhando, mas mesmo assim eu não apresentava bons resultados.

A cada projeto confuso que sugeria para minha orientadora, ela reagia com a mesma resposta: Está confuso.

Acho que depois de um tempo ela percebeu que eu não ia desistir e, percebendo também que podia ser desastrosa uma produção acadêmica escrita por mim, sugeri que eu escrevesse um pequeno romance. Ela disse para registrar, enquanto eu escrevesse o romance, todas as fases da produção de escrita. Como surgiu a história, os personagens, todas as anotações dos meus blocos serviriam para a justificativa do romance a ser apresentado como dissertação do Mestrado.

Então, eu tinha mais um romance para escrever e comecei a matutar sobre uma história ao mesmo tempo em que ficava atenta aos movimentos que impulsionavam as ideias sobre o romance. Fiquei mais confusa ainda e minha orientadora finalmente disse para me focar apenas no romance, depois trabalharíamos a escrita que justificasse sua produção.

Foi um alívio receber essa orientação. Era quase um sonho sendo realizado. Eu poderia assistir as aulas, caminhar livre pela vida pensando apenas na criação de um romance. Viver para criar e escrever!

Mas o que escrever?

...

Eu apenas sabia que dessa vez escreveria para um menino que se chamava Juliano. Eu olhava as pessoas em volta e pensava: gostaria de falar alguma coisa sobre o jeito dessa menina que observo, mas como encaixar isso? Eu não tinha ideia do que escrever.

Eu assistia a uma aula sobre a literatura infantil-juvenil e percorremos algumas narrativas e teorias que tratavam da questão da infância. As aulas abordavam a questão da descoberta da linguagem, o trauma do nascimento, a relação entre infância, velhice e morte. As aulas eram produtivas porque instigavam certos medos, certos devaneios não muito agradáveis, foi susto atrás de susto.

A aula que abordava a produção de narrativas de cartas e diários me apresentou vários tons performáticos que pude observar com interesse e curiosidade, mas, mesmo assim, ainda não sabia como juntar os fatos para iniciar a escrita. Textos, vida, vontade, Mestrado, tudo formava uma geleia confusa.

Enquanto eu lia *Primo Levi* e estudava textos que relacionam a questão do trauma e as narrativas de testemunhas, o Rio de Janeiro passava por um momento de transformação. Pelo menos os jornais diziam isso. As tropas do BOPE ocuparam o morro do Alemão e colocaram a bandeira do Estado do Rio de Janeiro no alto do morro, de onde o tráfico era comandado, uma cena emblemática que flagra bandidos (a maioria deles de bermudas e chinelos havaianas) fugindo por uma estrada de terra se repetiu diversas vezes na televisão. Ao mesmo tempo em que estudava os discursos performáticos e midiáticos da arte contemporânea e as ideias de Thomas Khun, eu ouvia os relatos dos moradores de rua que moravam perto da minha casa, a maioria deles tinha opiniões sobre essa mudança que o Rio de Janeiro passava e a televisão mostrava. Conheci Jackson, que tinha família na Rocinha e Rosilene que estava na Gávea há muitos anos.

No meio disso tudo, eu ainda tinha um romance para escrever. O descompasso entre o que eu sentia, o que lia e o que observava só me atestavam o surrealismo da vida. Será que alguém ou algo está observando a vida, se esse alguém soubesse usar a linguagem, o que ele diria sobre nós? Minha história só poderia ser contada por um narrador que não fosse humano, um narrador que observasse o mundo e seus habitantes.

...

Comecei a experimentar a escrita de um narrador estrangeiro do mundo que, de alguma forma, acompanhasse meu personagem: Juliano.

Mostrei o primeiro esboço para minha família que não gostou do nome do personagem. Eu sempre tive muita curiosidade sobre meu bisavô Celestino, que tinha sido professor de direito na PUC, as fotos que meus avós guardam dele mostram um senhor pensativo, sempre acompanhado de seu cachimbo.

Troquei o nome do protagonista. Ele iria se chamar Celestino.

Em uma grande cartolina branca comecei a criar uma possível linha narrativa:

Celestino morava no prédio mais alto da cidade com seus avós. Sua família havia desaparecido e em breve seus avós iriam desaparecer também sem motivos revelados. Ele sairia em uma jornada em busca de suas raízes.

O narrador observador iria assistir a história de longe e, em algum momento, haveria um encontro entre narrador e personagem.

Eu não sabia como proporcionar esses acontecimentos inicialmente planejados e rabiscados na cartolina até minha orientadora sugerir a leitura de *A casa da madrinha*, de Lygia Bojunga. Ela disse para não me preocupar com soluções coerentes, nem tudo precisava ser explicado. Eu ainda estava viciada na forma linear e aristotélica que eu tinha usado nos meus livros publicados.

Li a *A casa da madrinha* e comecei pouco a pouco a me entregar para a escrita.

...

Meu professor de filosofia começava a falar do interesse de Mário de Andrade sobre o interior do Brasil, sobre o Brasil que acontece próximo dos rios que passeiam pelo interior de nosso território, esse Brasil afastado do mar e da margem de onde chegam e saem navios.

Inspirada por esses comentários, mudei completamente o rumo da história. Celestino é um menino do interior, ele tem contato com a natureza, com bichos, ele não é contaminado pelas cidades, ele não sabe o que é computador, televisão e nem chicletes. Ele tem uma essência pura e generosa, seus valores estão distantes dos meninos que sonham em prestar vestibular para entrar no mercado de trabalho.

Celestino começava a ganhar forças e independente da minha vontade como autora. O planejamento da cartolina foi abandonado. Pode parecer patético dizer isso, mas o ambiente que escrevia ia crescendo e ganhando autonomia, eu não conseguia enxergar o mistério que aquele menino e sua cidade carregava. O narrador ia enfraquecendo, se misturando com os personagens até desaparecer por completo.

O revisor que contratei me alertou diversas vezes que, durante a história, personagem e narrador se fundiam o que tornava a história confusa. Mas era exatamente isso que estava acontecendo, eu não deveria separá-los.

À medida que ia escrevendo, percebia uma necessidade de apresentar outro personagem chamado Celestino, queria duplicar, triplicar personagens com esse mesmo nome. O motivo era tentar entender e explorar certas aflições internas...

Quantas vezes não repetimos ações que nossos antepassados desconhecidos fizeram em um passado desconhecido por nós?

Eu queria proporcionar para o leitor a mesma sensação que tenho ao observar a vida. Como explicar isso? Não quis explicar, quis repetir personagens, situações em que o leitor pudesse reconhecer como uma repetição, mas uma repetição não captada.

O segundo personagem chamado Celestino tem um bisavô que se chama Celestino, Ava tem um avô com o mesmo nome e a mãe de Celestino quer lembrar a história que gostava de ouvir e contar de um personagem chamado Celestino.

Não consegui amarrar muitas situações, mas é quase proposital. Primeiramente achava que precisava criar pontes de entendimento na narrativa, pontes que justificassem certos acontecimentos e só depois descobri que eu, como autora, não poderia fazer isso. Estaria indo contra a narrativa se montasse um quadro coerente.

Se o leitor de *Celestino* tenta reconhecer e organizar as linhas paralelas que unem os Celestinos, personagem do interior, personagem urbano, é um bom sinal. Mas, se ele, o leitor, não conseguir entender em sua total completude a relação que existe entre esses personagens e seus acontecimentos, é melhor ainda.

...

Minha intenção foi causar a seguinte dúvida: *Espera, eu já li isso, eu conheço isso, mas onde mesmo? De onde vem isso?*

Durante a leitura de *Cem anos de Solidão*, precisamos construir uma árvore genealógica para acompanhar a narrativa, sentimos a necessidade de construir a ligação entre os personagens. O leitor pode consultar uma árvore genealógica da família do romance de Márquez na Internet ou, se tiver interesse, pode, durante a leitura, construir a árvore com lápis e papel nas mãos.

Quis proporcionar em *Celestino* uma árvore invisível e fragmentada que agrega não apenas possíveis ligações entre personagens, mas também ligações entre acontecimentos considerados reais e não reais.

As perguntas começam a surgir e, por mais que se tente construir paralelamente um esboço que ligue nomes dos personagens e acontecimentos,

encontramos vácuos que não possibilitam a construção dessa árvore fictícia. Assim percebo a vida.

Mesmo que *Celestino* não seja um romance que trate de questões geracionais, ele pede em algum momento uma explicação, um esqueleto dessas possíveis ligações. Em um momento parece apontar uma família comum da cidade, em outro, essa família é acometida por acontecimentos fantásticos, mas não existe um momento claro que aponte essa passagem para o mundo não real. O livro sugere afinidades entre os tantos Celestinos do livro.

Sua narrativa sugere ligações, apenas sugere, mas nem a autora nem o leitor podem compreender certos parentescos e situações.

Obviamente muitas narrativas oferecem essa possibilidade.

Quando lemos alguns livros, fazemos certos acordos inconscientes.

Exemplo:

1) Esse é um livro de fantasia, então posso aceitar certas situações.

2) Esse é um livro que me mostra gerações de famílias, então preciso compreender essas ligações para não me perder;

...

Fica difícil falar sobre o que pretendi ou não, além de soar pretensiosa. É o leitor que vai dizer o que entendeu.

Meu revisor e alguns leitores tentaram, durante a leitura de *Celestino*, criar pontes de ligação, eles sabiam que havia um jogo e quiseram montar e entender o jogo, mas não conseguiam. Talvez por incluir na narrativa “dribles” clássicos que envolvem arquétipos e situações que motivam o movimento do leitor de “querer descobrir” o que aconteceu com o personagem. O leitor acha que o livro pretende acompanhar a jornada daquele herói e, conseqüentemente, a resolução de todos os problemas. Exemplo 1: um órfão que é criado pelos seus avós, um dia eles desaparecem e o órfão se vê sozinho no mundo. Exemplo 2: um menino mimado que vive na cidade grande e está sempre se metendo em apuros até que sua mãe adocece. Todos esses movimentos sugerem caminhos previsíveis, sugerem caminhos de aprimoramento em que o leitor vivenciará junto com a narrativa. O leitor espera a solução, a correção, a revelação dos mistérios.

Quis duplicar no livro sensações que experimento na vida. Todas as minhas influências, todas as minhas leituras, tantas observações, tantos acontecimentos que se revelam verdadeiros enigmas, que parecem me fazer guiar sem que eu possa reconhecer...

O narrador precisa surgir no final do livro para a cena de encerramento, mas ele confessa a impossibilidade de encerrar a história.

...

É preciso exercitar certo desapego durante a escrita, caso contrário seus personagens e a história não conseguem ser verdadeiros. Essa afirmação parece contraditória, afinal o escritor planeja sua história, é ele quem escreve, apaga, reescreve, lê, relê e reescreve. Mas esse exercício deve ser ponderado de acordo com a necessidade dos personagens. O escritor decide, mas, se ele for mais sábio ainda, vai conseguir dar espaço para seus personagens decidirem, pouco a pouco o escritor some da narrativa, aí aparece apenas a história. É a história que deve aparecer. Por isso, escrever pode ser chato e muito cansativo na mesma proporção em que pode ser uma delícia. Por isso também existem bons livros e outros nem tantos. Alguns livros escancaram a personalidade do escritor e o que ele quis dizer, leio alguns livros e não leio história, leio o escritor. Outros escritores conseguem a façanha de ficar invisíveis.

Por estar cursando o Mestrado, eu sabia que existe um grande risco de ser impulsionada pelos discursos, eu tenho medo de mostrar só o discurso esquecendo-me da história. Porém, sem o discurso dos textos e sem as orientações dos professores, não teria grandes indagações que impulsionassem o caminho da escrita.

Fiquei insegura em muitos momentos porque parecia que não estava conseguindo realizar o que a academia me exigia. As monografias mostravam uma estudante que não estava certa sob o caminho que percorria.

A orientação firme e a cobrança insistente da orientadora contribuíram para algo maior do que a produção de uma dissertação de Mestrado. Fui me desprendendo de certas amarras, descobrindo que não se trata de prestar contas para a academia, não se trata também de prestar contas para o leitor, mas de revelar, pela escrita, sinceridade. A partir daí, encontrei a liberdade pela escrita,

reencontrei o prazer pela leitura, a vontade honesta de compartilhar. Pela primeira vez, meus professores começavam a aceitar meus trabalhos com outros olhos, eram os primeiros esboços de Celestino.

E, tentando refletir brevemente, não seria possível escrever esse livro em um contexto fora da academia.

Celestino é reflexo de todo esse percurso da mestranda em Literatura, Cultura e Contemporaneidade.